



Os clientes do Banco Privado Português decidiram ao início da noite de ontem dar “o benefício da dúvida” à administração do BPP e optaram por terminar com o protesto na sede do banco no Porto.

NELSON D'AIRES/KAMERAPHOTO

Casos Internacionais

18,2 mil milhões

Commerzbank
18,2 mil milhões de euros foi quanto o governo alemão foi obrigado a disponibilizar ao segundo maior banco do país, entre Novembro e Janeiro – recebendo em troca 25% das acções mais uma –, além de garantias de 15 mil milhões.

146 mil milhões

Northern Rock
O banco era o terceiro maior na concessão de crédito imobiliário e acabou nacionalizado em Setembro de 2007. Salvar a primeira vítima europeia do subprime custou 146 mil milhões de euros ao estado inglês.

108 mil milhões

Kaupthing Bank
Obrigado a nacionalizar os três maiores bancos do país – Kaupthing, Landsbanki e Clitnir, cujas dívidas somavam nove vezes o PIB do país, que era de 12 mil milhões de euros –, o próprio estado islandês acabou por entrar em falência.

6 mil milhões

Dexia
O banco belga recebeu, em 2008, mais de seis mil milhões de euros dos governos da Bélgica, França e Luxemburgo para conseguir escapar à falência. Apesar disso, este ano gastou oito milhões em prémios para os seus gestores.

Clientes do BPP com medo

Depósitos colocados em veículos, e não no banco, poderão não estar abrangidos pelo fundo de garantia

FILIPE PAIVA CARDOSO
filipe.cardoso@ionline.pt
ANA CARIDADE
ana.caridade@ionline.pt

Os clientes do Banco Privado Português (BPP) receiam que nem todos os depósitos naquela instituição estejam abrangidos pelo Fundo de Garantia de Depósitos, isto apesar das promessas de Teixeira dos Santos, ministro das Finanças. “Os clientes do BPP que celebraram contratos de depósito terão as garantias asseguradas”, sublinhou ontem o ministro, mas tal não descansou os depositantes.

Tal sucede porque têm chegado queixas aos supervisores de que alguns clientes que fizeram depósitos viram o seu dinheiro colocado num dos veículos criados pelo banco que, posteriormente, os depositou no BPP. “Como os depósitos são dos veículos, sedeados no estrangeiro, e não de particulares, não estão cobertos pelo Fundo de Garan-

tia” concluiu um cliente do Privado. Fonte ligada aos supervisores confirmou que existem algumas situações destas no Banco Privado Português, referindo que o Fundo de Garantia cobrirá depósitos e contratos com natureza de depósito, sem esclarecer, porém, se os casos relatados se incluem.

PÃO COM FIAMBRE “O jantar da minha filha tem sido pão com fiambre”. Há um ano atrás Isabel Alves Pinto dificilmente poderia prever que hoje ia estar a viver da boa-vontade alheia. Os 98 mil euros que tinha no BPP rendiam-lhe 5,4%, quantia que permitia ter uma vida desafogada. De repente, viu tudo desmoronar-se como um baralho de cartas. “Tenho uma ordem de despejo da minha loja porque não pago renda há seis meses”, conta desesperada. Na quinta-feira à tarde, quando um grupo de clientes do BPP invadiu as instalações do banco, a história de Isabel comoveu. prontamente foi organizada uma colecta de dinheiro para a qual até os funcionários do banco contribuíram. Os 1500 euros angariados deram para pagar a renda da casa que também estava em atraso. “A minha vida está caótica.

Tenho uma filha com 12 anos e o jantar dela tem sido pão com fiambre”. Apesar do desespero, esta mulher de 45 anos não baixa os braços nem perde a fé. Ao i garantiu que vai “continuar a lutar” e “a acreditar”. Para já, a casa alugada na Granja está paga até ao final de Maio. Depois, “logo se vê”.

Artur Barreto engrossou ontem as fileiras dos resistentes que se negam a abandonar as instalações do banco. Rumou de manhã ao Porto vindo de Lisboa e diz que está disposto a “ir até ao fim”. Natural da capital, aos 17 anos foi para a África do Sul em busca de uma vida melhor. De soldador passou a supervisor

“O jantar da minha filha tem sido pão com fiambre” diz cliente do BPP sem acesso ao dinheiro

“Estive emigrado 38 anos e trabalhei muito para ter o que tenho... ou antes, tinha”

metalomecânico e foi o trabalho nas petrolíferas que lhe deu desafio financeiro. “Estive emigrado 38 anos e trabalhei muito para conseguir o que tenho, ou melhor, tinha”, lamentou.

Aos 63 anos, e depois de ter passado por EUA, Venezuela e Zimbabué, vê-se obrigado a viver da ajuda dos filhos. “Como estive sempre a saltar de país, não tenho reforma. A minha mulher foi sempre doméstica, por isso também não tem rendimentos”, conta Artur, garantindo que o dinheiro que tem no BPP era a sua única fonte de rendimento.

PROTESTO ACABA Os clientes do banco que se encontravam na sede no Porto em protesto, decidiram ao início da noite de ontem desocupar as instalações do BPP. Segundo a Lusa, Durval Padrão, porta-voz do grupo, explicou a decisão com a promessa da administração de criar um grupo de trabalho para acompanhar os clientes. “Vamos dar o benefício da dúvida”, referiu o mesmo porta-voz. Mas este benefício, ou as palavras de Teixeira dos Santos, de pouco servem para quem vive no limiar do desespero, como Isabel Alves Pinto ou Artur Barreto.